

## REFLEXÕES INICIAIS SOBRE OS FUNDAMENTOS ONTOLÓGICOS DA CONSCIÊNCIA EM VIGOTSKI<sup>1</sup>

*Francisca Maurilene do Carmo (UFC)<sup>2</sup>  
Ruth Maria de Paula Gonçalves (UECE)<sup>3</sup>*

### RESUMO

O estudo da consciência tem caracterizado o campo de investigação de diferentes áreas do conhecimento, a exemplo da filosofia, da sociologia e, posteriormente, da psicologia. Entretanto, o tratamento dado a esta categoria, em muitos casos, a toma como uma extensão da evolução natural do homem. Somente a partir de Marx a consciência assume uma dimensão histórico-material, ou seja, emerge como um complexo determinado e determinante no conjunto das relações sociais que os homens estabelecem entre si e com a natureza no evoluir de sua existência singular, marcadamente um processo dialético. Ancorada nas elaborações marxianas sobre estas relações, dentro das quais a consciência assume lugar de destaque, a chamada Psicologia Histórico-Cultural, em especial Vigotski buscou aprofundar os estudos a respeito deste complexo. Nesse contexto, assumimos como tarefa analisar a categoria consciência na obra de Vigotski tendo como aporte teórico a ontologia marxiana. Para tanto, realizaremos um estudo eminentemente teórico-bibliográfico tendo como aporte alguns escritos marxistas, tais como a **Ideologia Alemã** e **O Capital**, de Marx; **História e Consciência de Classe** e **Ontologia do Ser Social**, de Lukács, buscando identificar o tratamento conferido por estes autores à problemática da consciência. Num segundo momento, buscaremos nas obras de Vigotski o mapeamento da categoria consciência, privilegiando o conjunto de textos que compõem suas **Obras Escolhidas**, considerando todo o contexto problemático de tradução da sua obra no Ocidente. Destacamos ademais, que não obstante a consciência apareça na obra do soviético como um objeto de investigação inacabado, até mesmo por conta do pouco tempo que dispôs para estudá-lo, mesmo assim é possível identificarmos esta preocupação na obra do autor, assim como perceber os contornos sobre os quais ele a examinara.

**Palavras-chave:** Ontologia marxiana. Vigotski. Consciência.

---

<sup>1</sup> Este artigo faz parte dos estudos e reflexões apresentado no XXII Congresso Internacional de Antropologia Ibero-América: Religião, Tolerância e Educação Intercultural realizado em Fortaleza no ano de 2016. Disponível <http://congressoantropo.wixsite.com/fortaleza>

<sup>2</sup> Doutora em Educação Brasileira. Professora da Universidade Federal do Ceará – UFC. Colaboradora e Pesquisadora do Instituto de Estudos e Pesquisas do Movimento Operário (IMO). [fmcmaura@hotmail.com](mailto:fmcmaura@hotmail.com)

<sup>3</sup> Doutora em Educação Brasileira. Professora da Universidade Estadual do Ceará (UECE) Colaboradora e Pesquisadora do Instituto de Estudos e Pesquisas do Movimento Operário (IMO). [ruthm@secrel.com.br](mailto:ruthm@secrel.com.br)

## REFLEXIONES INICIALES ACERCA DE LOS FUNDAMENTOS ONTOLÓGICOS DE LA CONSCIENCIA EN VIGOTSKI

### RESUMEN

La investigación de la consciencia ha caracterizado diferentes áreas del conocimiento, a ejemplo de la filosofía, de la sociología e, después, de la psicología. Mientras tanto, esa categoría, en muchos casos, ha sido juzgada como una extensión de la evolución natural del hombre. Solamente a partir de Marx, la consciencia ha asumido un carácter histórico y material, o sea, la consciencia ha emergido como un complejo determinado y determinante en el conjunto de las relaciones sociales que los hombres establecen entre sí y con la naturaleza en la evolución de su existencia singular, marcadamente un proceso dialéctico. Basada en las elaboraciones teóricas marxianas sobre esas relaciones, en que la consciencia asume lugar de destaque, la llamada Psicología Histórico y Cultural buscó profundizar las investigaciones a respecto de este complejo. En ese contexto, asumimos como tarea analizar la categoría consciencia en la obra de Vigotski basadas en la ontología marxiana. Para tanto, realizaremos una investigación teórica y bibliográfica tiendo como aporte algunos escritos marxistas, tales como la **Ideología Alemana** y **El Capital**, de Marx; **Historia y Consciencia de Clase** y **Ontología del Ser Social**, de Lukács, buscando identificar la forma como esos investigadores juzgan el problema de la consciencia. Después, buscaremos en las obras de Vigotski el mapeo de la categoría consciencia, privilegiando el conjunto de textos que componen sus **Obras Escogidas**, considerando todo el contexto problemático de traducción da su obra en el Occidente. Destacamos, además, que no obstante la consciencia aparezca en la obra del soviético como un objeto de investigación inacabado, hasta mismo porque tenía poco tiempo para estudiarlo, es posible a nosotros identificar esa preocupación en la obra del investigador, así como percibir los contornos sobre los cuales él la examinó.

**Palabras clave:** Ontología marxiana. Vigotski. Consciencia.

O estudo da consciência tem caracterizado o campo de investigação de diferentes áreas do conhecimento, a exemplo da filosofia, da sociologia e, posteriormente, da psicologia. Entretanto, o tratamento dado a esta categoria, em muitos casos, toma-a como uma extensão da evolução natural do homem. Somente a partir de Marx, a consciência assume uma dimensão histórico-material, ou seja, emerge como um complexo determinado e determinante no conjunto das relações

sociais que os homens estabelecem entre si e com a natureza no evolver de sua existência singular, marcadamente um processo dialético.

Ancorada nas elaborações marxianas sobre estas relações, dentro das quais a consciência assume lugar de destaque, a chamada Escola de Vigotski buscou aprofundar os estudos a respeito deste complexo, privilegiando, por certo, o caráter psíquico que assinalava as pesquisas dos teóricos que compunham tal instituição, entre eles Lev Semenovich Vigotski. No referente a este, podemos afirmar que a categoria da consciência se tornou um objeto de investigação inacabado, até mesmo por conta do pouco tempo que o teórico soviético<sup>4</sup> dispôs para estudá-lo. Entretanto, é possível identificarmos esta preocupação na obra do autor, assim como também é possível percebermos os contornos sobre os quais ele a examinara.

É importante destacar que, na totalidade de seus estudos, a consciência comparecia como um elemento especial no processo de autoconstrução do indivíduo e à proposição de uma sociedade emancipada.

Tomando como base tais assertivas, anunciamos que o objetivo principal do nosso estudo consiste em analisar a categoria consciência na obra de Vigotski, tendo como aporte teórico a ontologia marxiana, vislumbrando, por essas veredas, a natureza ontológica do complexo da consciência.

Ademais, demarcar a perspectiva onto-metodológica como evidente particularidade do nosso trabalho significa, conforme Lessa (2002), demonstrar a possibilidade ontológica da emancipação humana, da superação da exploração do homem pelo homem, destituindo, desse modo, qualquer perspectiva que referende uma pretensa natureza humana imutável.

Nesse contexto, é importante situar qual o significado da obra vigotskiana, asseverando apresentar-se esta, por princípio, ontologicamente perspectivada e enredada com a proposta revolucionária, campo de sua produção teórica. Referida condição evidencia com toda nitidez que Vigotski não hesitou enfrentar as grandes questões no campo da psicologia, tendo como horizonte maior “a formação de um novo tipo de homem” e a “elevação de toda a humanidade a um nível mais alto de

---

<sup>4</sup> Em respeito ao momento histórico no qual as obras de Vigotski foram desenvolvidas, utilizaremos esta nomenclatura, cientes da mudança ocorrida na denominação daquele país, a partir da década de 1980, com a dissolução da antiga União Soviética.

vida social” (VIGOTSKI, 1998, p.120), o que justifica o evoluir de uma nova consciência numa individualidade emancipada.

Assim, situar a perspectiva onto-histórica de Vigotski significa banir os reducionismos que têm sido imputados à sua teoria. Nesse contexto, cabe-nos dizer que, majoritariamente, a divulgação da produção intelectual deste grande nome da psicologia mundial estabelece-se através de três grandes cortes operados sobre sua teoria. Os dois primeiros, devidamente situados por Tuleski (2001), dizem respeito à censura burguesa referente à formação comunista do autor e à censura stalinista de suas obras, ocorrida na década de 1930.

Associados a esses dois pontos indicados por Tuleski, acrescentamos o terceiro corte efetivado na contemporaneidade pelo pensamento pós-moderno e neovigotskiano, que conduz toda a produção vigotskiana no sentido da legitimação da ordem do capital, caminhando, desse modo, na contramão da perspectiva marxista de Vigotski e ao seu compromisso cabal com a edificação da sociedade comunista, a única que, na sua compreensão, permitiria o desenvolvimento pleno das individualidades e da consciência, uma vez que possibilitaria ao homem “dar esse enorme salto adiante – do reino da necessidade ao reino da liberdade” (VIGOTSKI, 1998, p. 120).

Com o intuito de melhor situar o conteúdo que caracteriza nosso esforço investigativo, julgamos conveniente apresentar, ainda que de modo breve, aquele que, ao lado da categoria consciência, impõe-se igualmente como nosso objeto de investigação, Lev Semenovich Vigotski. A respeito do autor, Blanck (1996) afirma que, embora Vigotski tenha escrito muitos livros, entre eles não se encontra, tanto quanto se sabe, uma autobiografia, nem tampouco seus contemporâneos escreveram sobre sua vida. Ressalta, ainda mais, que:

[...] uma guerra que destruiu metade de um continente também destruiu muitos dos documentos sobre sua vida. Ele parecia, por isso, condenado a não ter biografia; sua história, conseqüentemente, deve ser reconstruída a partir de fragmentos, reunidos como peças de um quebra-cabeça (BLANK, 1996, p. 31).

Lev Semenovich Vigotski nasceu<sup>5</sup> em 17 de novembro de 1896 em Orsha, cidade da região nordeste da República Bielorrussa, mas quando tinha um ano de idade sua família mudou-se para Gomel<sup>6</sup>, uma pequena cidade com vida cultural mais intensa localizada no sudeste da Bielorrussia, perto da República da Ucrânia.

A brilhante inteligência de Vigotski, segundo Newman e Holzman (2002), fora percebida cedo e sem dúvida estimulada pela própria família. Pelo que consta, ele aprendeu com a mãe a falar alemão e a amar a poesia. Ainda adolescente, encenou uma peça teatral, *O casamento, de Gogol*, publicou críticas literárias, escreveu um ensaio sobre Hamlet que se tornou a base para sua tese, lia e falava oito línguas<sup>7</sup>, além de conduzir o círculo de estudos judaicos onde consta que passou a se interessar por Hegel e, posteriormente, por Marx.

No ano de 1917, ano da Revolução Russa, conforme informações de Baquero (1998), Vigotski graduou-se na Universidade de Moscou e na Universidade do Povo Shaniavsky, regressando a Gomel, onde deu início a uma intensa atividade científica e profissional em diversos terrenos como o da estética e da arte, o da psicologia e dos problemas relativos à educação e à pedagogia. Sobre esse período particularmente rico de sua trajetória científico-intelectual, Newman e Holzman (2002) registram que, ao mesmo tempo em que ensinava em Gomel, ele fundou várias revistas literárias, assinou uma coluna sobre teatro, deu palestras sobre história, literatura, teatro e ciências, leu amplamente filosofia, linguística, história e psicologia e se correspondeu com alguns dos principais pensadores europeus.

---

<sup>5</sup> Encontramos em diferentes autores referências a duas datas - 5 de novembro e 17 de novembro – porém este fato deve-se, segundo afirmação de Oboukhova (2006), na I Conferência Internacional de Psicologia Histórico-Cultural, realizado na cidade de Santo André, São Paulo, a uma alteração sofrida no calendário russo, ressaltando então que no calendário atual a data de nascimento de Vigotski é 17 de novembro e que no outro seria 5 de novembro.

<sup>6</sup> Conforme Blank apud Baquero (1998), Gomel estava situada dentro do Pale, que era um território restrito onde se confinava os judeus na Rússia czarista. Van der Veer e Valsiner (1991) relatam que até 1903 massacres eram uma ocorrência comum no Pale, e o próprio Vigotski deve ter presenciado massacres em 1903, que felizmente foram repelidos por uma defesa judaica organizada. A propósito, Newman e Holzman (2002) também relatam que nesse período da Rússia pré-revolucionária eram típicos a repressão e o anti-semitismo, assim como a crescente inquietação civil e a agitação revolucionária.

<sup>7</sup> Segundo informações de Blank (1996), Vigotski falava russo, alemão, hebraico, francês, inglês, latim, grego e também conhecia profundamente o esperanto. De acordo com Van der Veer e Valsiner (1991), foi David Vygotsky, um primo vários anos mais velho, que exercia grande influência sobre ele, quem introduziu Vigotski no movimento do esperanto. Fora esse primo, conforme Blank (1996), que familiarizou Vigotski com os trabalhos de Roman Jakobson, Victor Shklovsky e Lev Jakubinsky, linguistas que se tornaram referências usuais no trabalho de Vigotski.

Um dos fatos que marcam a trajetória de Vigotski é sua aparição no II Congresso Nacional de Psiconeurologia. Neste evento, o psicólogo soviético fora convidado por Kornilov para trabalhar no Instituto de Psicologia. Aceitando o convite, Vigotski mudara-se de Gomel para Moscou com sua família<sup>8</sup> e começou os seus trabalhos no referido instituto. Blank relata que na manhã seguinte de chegada de Vigotski ao Instituto este:

[...] se reuniu com Luria e Leontiev para planejar um projeto ambicioso que contrastava notavelmente com a posição modesta de assistente de segunda classe com a qual Vygotsky iniciava a sua carreira: a criação de uma nova psicologia. Eles começaram a construí-la pela assimilação crítica das teorias de Werner, Stern, Karl e Charlotte Bühler, Köhler, Piaget, James, Thorndike e muitos outros. Foi assim que a famosa troika Vygotsky – Luria – Leontiev foi formada, com Vygotsky assumindo a liderança natural (BLANK, 1996, p. 38).

A formação da troika seria o passo inicial para a constituição da Escola de Vigotski, conhecida posteriormente como Psicologia Histórico-Cultural. Esta, conforme relato de Leontiev, um dos seus ilustres integrantes, ampliou-se sob a orientação rigorosa de Vigotski.

Foi precisamente ao longo daqueles anos que se criou a escola psicológica de Vigotski, que desempenhou um grande papel na história da psicologia soviética. Seus primeiros colaboradores em 1924 foram A. N. Leontiev e A. R. Luria. Um pouco tempo depois se uniram L. I. Bojóvitch, A. V. Zaporozetz, R. Ie. Liévina, N. G. Morózova e L. S. Slávina. Naqueles mesmos anos L. V. Zankov. Yu. V. Kotiéleva, Ie. I. Pachokóvskaia, L. S. Sákharov, I. M. Soloviov e outros participaram ativamente das pesquisas sob a direção de Vigotski. Depois, começaram a trabalhar com Liev Semiónovitch seus discípulos leningrandeses D. B. Elkonin, J. I. Chif e outros (LEONTIEV, 1996, p. 439).

Leontiev relata ainda que muitos dos conceitos-chave sobre a teoria histórico-cultural são expostos no conhecidíssimo livro de Vigotski *Pensamento e Linguagem*. Esse texto, que é sua última obra, condensa, de acordo com Baquero (1996), o resultado de quase dez anos de trabalho ininterrupto de Vigotski e seus colaboradores na investigação do pensamento e da linguagem, destacando, como veremos a seguir, que é exatamente na conclusão de *Pensamento e Linguagem* que

---

<sup>8</sup> Segundo Van der Veer e Valsiner (1991) e Oboukhova (2006), quando Vigotski e sua família chegaram à Moscou em 1924, alojaram-se temporariamente no porão do Instituto, porque as acomodações da cidade eram escassas. Blank (1996) acrescenta que eles viveram no Instituto por um ano, até o nascimento de sua primeira filha. Quando deixaram de morar no Instituto, Vygotsky e sua família passaram a residir pelo resto de sua vida no apartamento de uma peça da rua Bolshaya Serpukhova, em Moscou.

Vigotski anuncia o estudo da consciência como seu próximo passo de pesquisa, projeto não realizado sistematicamente devido à sua morte prematura.

Para concluir nossa investigação, não podemos deixar de dizer algumas palavras sobre as perspectivas que se abrem além do seu limiar. **Nossa investigação nos leva diretamente ao limiar de outro problema mais vasto, mais profundo, mais grandioso que o problema do pensamento – a questão da consciência** (VIGOTSKI, 2001, p. 485 – grifos nossos).

Muito embora Vigotski tenha apenas lançado o estudo da consciência como seu próximo passo de pesquisa, entendemos que este veio, ao longo da sua trajetória teórica, esmerando-se sobre a categoria, a qual se encontra diluída no conjunto de sua obra, a julgar por alguns escritos que trazem no próprio título o tema da consciência, a saber: *A consciência como problema psicológico do comportamento* (1925); *A psique, a consciência, o inconsciente* (1930); *O problema da consciência* (1968). Os referidos textos encontram-se, no Brasil, publicados no livro *Teoria e método em psicologia*.

É conhecida a rigorosa revisão que Vigotski faz das correntes psicológicas que o seu tempo histórico permitiu-lhe conhecer. Nesta revisão, pauta como um dos problemas o caminho fechado pela psicologia, sobretudo a do comportamento, para o estudo da consciência, adiantando que “a exclusão da consciência do campo da psicologia deixa em grande medida intactos o dualismo e o espiritualismo da psicologia subjetiva” (VIGOTSKI, 1996, p. 59).

Assevera, ainda, que a eliminação da consciência do campo da psicologia faz a ciência psicológica entrar num círculo biologicamente absurdo, uma vez que passa a considerar os processos subjetivos como algo completamente supérfluo e secundário na história do próprio comportamento.

No que diz respeito à reflexologia, Vigotski denuncia que, nessa perspectiva, a consciência reduz-se, “por completo, a alguns mecanismos transmissores de reflexos, que agem de acordo com leis gerais, de forma que cabe admitir que no organismo não há outros processos além das reações” (VIGOTSKI, 1996, p. 73). Essa breve ilustração sobre a análise que Vigotski realiza acerca da consciência no contexto de algumas correntes psicológicas é apontada pelo próprio psicólogo soviético como “algumas ideias de caráter prévio”, que, na sua concepção, caracterizar-se-iam como o estopim para “iniciar o estudo da consciência” (ibid).

Essas reflexões retiradas de um manuscrito de 1925 denunciam de forma incontestada uma teorização sobre a categoria da consciência, que perseguiu muito possivelmente em seus escritos posteriores.

Nessa trilha, nosso esforço investigativo em torno da categoria consciência em Vigotski se realizará à luz da ontologia marxiana, o que, no ponto de partida, serve como elemento diferenciador de outros estudos que também se ocuparam do trato da consciência na obra do psicólogo soviético, porém sob outro prisma. Toassa (2006, p. 3), por exemplo, afirma que Vigotski,

Através da leitura de trabalhos produzidos de 1924 a 1934, [...] revisa as ocorrências semânticas da palavra consciência, identificando seus fundamentos monistas e materialistas, extraindo seus sentidos principais e incluindo o conceito no enfoque histórico-cultural. O conceito é desmembrado em suas três acepções basilares (processo de tomada de consciência da realidade externa e interna; atributo de conteúdos e processos psicológicos; sistema psicológico) que se articulam, produzindo um dos fundamentos da psicologia geral vigotskiana e articulando neuropsicologia, ética e ontologia.

Pontuar a investigação de Toassa significa, para nós, explicitar que todos os importantes trabalhos que têm buscado destacar a posição marxista de Vigotski e sua preocupação com o método em Marx necessitam do reforço ontológico, no sentido de deixar ainda mais claro o abismo que separa a perspectiva marxiana daquelas de cunho liberal que asseptizam Vigotski dos seus reais fundamentos e, no limite, ousam apenas no registro da sua condição marxista. Nessa direção, recuperar o fundamento ontológico da obra de Vigotski é assinalar como imperativo categorial que a perspectiva ontológica latente em sua obra sinaliza, impreterivelmente, para o horizonte da revolução socialista e para a radical transformação do estado vigente das coisas.

Referida concepção arraigada rigorosamente no campo da ontologia marxiana, compreende o trabalho como momento fundante do ser social. Isso porque, através do trabalho, consignado no intercâmbio eternamente necessário entre o homem e a natureza, o homem projeta-se para além de si mesmo, transformando a natureza e a si próprio. Para tornar clara a compreensão da categoria trabalho, reproduzimos aqui uma passagem de Vigotski na qual o mesmo faz alusão a *O Capital*, de Marx, pondo em relevo a própria essência do trabalho.



A aranha que tece a teia e a abelha que constrói as colméias o farão por força do instinto, como máquinas, de um modo uniforme e sem manifestar nisso uma atividade maior do que nas outras reações adaptativas. Outra coisa é o tecelão ou o arquiteto. Como diz Marx, eles construíram previamente sua obra na cabeça; o resultado obtido no processo de trabalho existia idealmente antes do começo desse trabalho (vide K. Marx, F. Engels, Obras, t. 23, p. 189). (VIGOTSKI, 1996, p. 65).

Essa condição do trabalho manifesta-se como um pôr teleológico, ou seja, “no movimento das mãos e nas modificações do material, o trabalho repete o que antes havia sido realizado na mente do trabalhador” (VIGOTSKI, 1996, p. 66). Nessa perspectiva, Lukács afirma que o trabalho, enquanto posição teleológica, não transforma apenas a causalidade dada, mas transforma igualmente o sujeito humano, ou seja, “ao operar sobre a natureza e transformá-la, muda ao mesmo tempo a sua própria natureza” (LUKÁCS, s/d, p. 37).

Exatamente por este motivo a adaptação do homem que trabalha não tem estabilidade e estaticidade interna, como acontece nos outros seres vivos – os quais normalmente reagem sempre da mesma maneira quando o ambiente não muda – e também não é guiada do exterior como nos animais domésticos. O momento da criação autônoma não apenas transforma o próprio ambiente, modificando-o tanto nos aspectos materiais de retorno sobre o homem; assim, por exemplo, o trabalho fez com que o mar, que era um limite para o movimento do homem, se tornasse um meio de contatos cada vez mais intensos. Mas, além disso – naturalmente causando mudanças análogas de função – essa estrutura do trabalho retroage também sobre o sujeito que trabalha (LUKÁCS, s/d, p. 39).

Por meio desse processo de transformação da natureza e de si próprio através do trabalho, o homem foi, conforme Lukács (s/d, p. 40), “definido como o animal que constrói seus próprios utensílios, condição que marca o salto e a saída do homem da existência puramente animalesca”.

A partir desta base, deparamo-nos com a questão da consciência. Esta, conforme Lukács, pertence exclusivamente à esfera social e joga um papel decisivo no evoluir da própria humanidade, mantendo com o trabalho uma relação de dependência ontológica. Sobre esse processar da consciência humana, assim o autor se coloca:

O domínio da consciência, que põe finalidades, sobre todo o restante do homem, de modo especial sobre o próprio corpo, e o comportamento crítico distanciado, assim obtido, da consciência humana sobre a sua própria pessoa, podem ser encontrados ao longo de toda a história da humanidade, mesmo que com formas mutáveis e conteúdos sempre novos e diferentes. Sua origem, no entanto, está, sem sombra de dúvida, no trabalho [...] (LUKÁCS, s/d, p. 88).

É indispensável assinalar que essa compreensão da consciência como um complexo somente possível a partir do trabalho nos remete ao próprio Marx, quando este, n'*A Ideologia Alemã*, afirma que a “consciência só surge com a necessidade, as exigências do contato com os outros homens” (MARX, 2007, p. 53), expresso através dos atos de trabalho. Para Marx (idem, p. 48),

A consciência nunca pode ser mais do que o Ser consciente e o Ser dos homens é o seu processo da vida real. E se em toda a ideologia os homens e as suas relações nos surgem invertidos, tal como acontece numa câmara obscura, isto é, apenas o resultado do seu processo de vida histórico, do mesmo modo que a imagem invertida dos objetos que se forma na retina é uma consequência do seu processo de vida diretamente físico.

Desse modo, Marx (ibid) deixa claro que “não é a consciência que determina a vida, mas sim a vida que determina a consciência”. Com isto, o autor alemão revela o predomínio da objetividade sobre a subjetividade, sem desconsiderar que neste movimento dialético esta última reconstitui a primeira, num constante e dinâmico repor de novas mediações à existência exclusivamente humana.

Avançando sobre a temática da consciência, Lukács refere-se a dois fatos associados a esta, que somente na aparência se revelam como opostos. Primeiro, aquele de caráter ontológico objetivo que nos mostra “que a existência e a atividade da consciência estão ligadas de modo indissolúvel ao curso biológico do organismo vivo, sendo que, por isso, cada consciência individual [...] nasce e morre junto com seu corpo”. E o segundo, que diz ser a consciência guia, função dirigente e órgão executivo a serviço das posições teleológicas. Nesse preciso sentido é que Lukács insiste em afirmar a “independência objetivamente operante, mas ontologicamente relativa da consciência em relação ao corpo” (LUKÁCS, s/d, p. 89).

É preciso dizer que do ponto de vista ontológico, é possível a existência de um corpo sem consciência quando, por exemplo, por causa de uma doença, esta deixa de funcionar, ao passo que uma consciência sem base biológica não pode deixar de existir. Isto não contradiz o papel autônomo, dirigente e planejador da consciência nas suas relações com o corpo, pelo contrário, é o seu fundamento ontológico. Encontramo-nos, aqui, face a uma forma muito clara de contradição entre fenômeno e essência (ibid, p. 86).

Ainda conforme Lukács, a consciência humana, com o trabalho, deixa de ser, em sentido ontológico, um mero epifenômeno. Isso porque

Somente no trabalho, quando põe os fins e os meios de sua realização, com um ato dirigido por ela mesma, com a posição teleológica, a consciência ultrapassa a simples adaptação ao ambiente - o que é comum também

àquelas atividades dos animais que transformam objetivamente a natureza de modo involuntário - e executa na própria natureza modificações que, para os animais, seriam impossíveis e até mesmo inconcebíveis. O que significa que, na medida em que a realização de uma finalidade torna-se um princípio transformador e reformador da natureza, a consciência que impulsionou e orientou um tal processo não pode ser mais, do ponto de vista ontológico, um epifenômeno. (ibid, p. 92).

Neste intercâmbio consciente que o homem realiza com a natureza e que, ao fim e ao cabo, define o plano material sobre o qual se assentam as relações entre os próprios homens, pressupomos a categoria consciência na obra de Vigotski como um conceito ontologicamente perspectivado, levando a cabo o conjunto de conclusões advindas de nossa tese sobre o fundamento ontológico na obra vigotskiana e o desdobramento dessa condição na edificação de uma sociedade nova e de um homem de novo tipo, que necessitaria de uma nova consciência, e, ao mesmo tempo, de uma psicologia capaz de dar conta da monumental tarefa, efetivada na busca incansável daquilo que Vigotski ousou construir, a Psicologia Histórico-Cultural, sua psicologia marxista.

### Referências bibliográficas

BAQUERO, Ricardo. **Vygotsky e a aprendizagem escolar**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

BLANK, Júlio Guillermo. **Vygotsky: o homem e sua causa**. In: MOLL, Luis C. **Vygotsky e a educação: implicações pedagógicas da psicologia sócio-histórica**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

LEONTIEV, A. N. Artigo de introdução sobre o trabalho criativo de L. S. Vigotski. In: VIGOTSKI, L. S. **Teoria e método em psicologia**. Tradução: Cláudia Berliner. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

LUKÁCS. G. **A ontologia do ser social**. s/d.

LESSA, Sérgio. **Mundos dos homens: trabalho e ser social**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2002.

MARX, K. **O capital: crítica da economia política**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

MARX, K. e ENGELS, F. **A ideologia alemã: crítica da novíssima filosofia alemã em seus representantes Feuerbach, B. Bauer e Stirner, e do socialismo alemão em seus diferentes profetas**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

NEWMAN, Fred e HOLZMAN, Lois. **Lev Vygotsky**: cientista revolucionário. São Paulo: Edições Loyola, 2002.

TOASSA, Gisele. Conceito de consciência em Vigotski. **Revista do Instituto de Psicologia** – USP. n. 17. São Paulo, 2006.

TONET, Ivo. **Educação, cidadania e emancipação humana**. Ijuí: Ed. Unijuí, 2005 – (Coleção fronteiras da educação).

TULESKI, Silvana C. **Vygotsky**: a construção de uma psicologia marxista. Maringá: Eduem, 2001.

VIGOTSKI, L. S. e LURIA, A. R. **Estudos sobre a história do comportamento**: símios, homem primitivo e criança. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

VIGOTSKI, L. S., LURIA, A. R. e LEONTIEV, A. N. **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem**. São Paulo: Ícone, 2001.

VIGOTSKI, L. S. **Teoria e método em psicologia**. Tradução: Cláudia Berliner. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

VIGOTSKI, L. S. **Obras Escogidas** – Tomo III. Madrid: Visor, 1996.

VIGOTSKI, L. S. **Pensamento e Linguagem**. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

VIGOTSKI, L. S. **A formação social da mente**. 6 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

VIGOTSKI, L. S. **La Genialidad y otros textos inéditos**. Buenos Aires: Editorial Algamesto, 1998.

VIGOTSKI, L. S. **O desenvolvimento psicológico na infância**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

VIGOTSKI, L. S. **Psicologia Pedagógica**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

VIGOTSKI, L. S. **Psicologia da Arte**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

VIGOTSKI, L. S. **A construção do pensamento e da linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

VIGOTSKI, L. S. Manuscrito de 1929. **Educação & Sociedade**, n. 71. Campinas, jul. 2000.